



VI ENLIJE
Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

RESSONÂNCIAS DO PENSAMENTO DE TOLSTÓI NO JORNALISMO LITERÁRIO BRASILEIRO (1903-1922)

Joachin de Melo Azevedo Neto

Universidade de Pernambuco – UPE/Campus Petrolina. E-mail: joaquimmelo@msn.com

Mylena de Lima Queiroz

*Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI/Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
E-mail: myi@hotmail.com.br*

Resumo: A presente proposta de trabalho tem como foco discutir as ressonâncias do pensamento do escritor russo Leon Tolstói (1828-1910) entre os intelectuais que colaboraram com o jornalismo literário brasileiro, com destaque para o periódico carioca A Careta. O conde Tolstói, em vários de seus libelos, passou a atacar o autoritarismo da autocracia russa, as contradições sociais que acompanharam a modernidade e clamar pela redistribuição de terras em seu país. A imprensa ocidental, principalmente a francesa, passou a divulgar com ênfase os textos engajados do escritor com essas causas. Em pleno auge da chamada Belle Époque tropical, os escritores brasileiros tiveram de refletir sobre um contexto parecido, principalmente aqueles que apresentaram consciência de que a modernidade estava sendo vivenciada, pelo maior contingente da população, enquanto um drama nos quais diversos costumes populares foram postos na mira das políticas eugenistas dos governos republicanos. Nestes termos, propomos uma análise das ressonâncias do tolstoísmo - que preconiza a valorização e comunhão mística com sujeitos sociais marginalizados - na prosa jornalística e ficcional nacional tais quais são encontradas em textos de José Veríssimo (1857-1916), Fábio Luz (1864-1931), Curvelo de Mendonça (1870-1914) e Lima Barreto (1881-1922).

Palavras-chave: Tolstoísmo, Jornalismo literário, Primeira República.

Historiadores e críticos literários já estão, há algum tempo, fazendo uso dos jornais enquanto fonte de informações históricas. Porém, o estudo da chamada cultura impressa esteve bastante atrelado a concepções tradicionais de verdade científica. Os periódicos foram considerados, em abordagens acríicas, meros registros objetivos dos fatos. Conforme salienta Tânia Regina de Luca, as recentes problematizações sobre a relação entre história e literatura endossaram reflexões importantes sobre a imprensa e o mundo das letras no começo do século XX. Nesse período, o Brasil vivenciou um panorama turbulento, marcado por tensões sociais, diversas formas de autoritarismo e pela implantação de um projeto segregador de modernidade. Os intelectuais expuseram suas inquietações e paixões políticas diante da nova ordem republicana. Ao mesmo tempo, revistas de variedades e literárias “em especial foram polos aglutinadores de propostas estéticas” (LUCA, 2008, p. 125).

Buscamos fornecer alguma contribuição para o estudo das convergências entre criação cultural e jornalismo adotando uma perspectiva metodológica fora de enquadramentos rígidos ou corporativismos. É preciso inserir as revistas em searas documentais mais vastas. Além dos

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



impressos, é necessário buscar por notas, artigos, cartas, diários, romances e outras formas de documentação nas quais seja possível detectar como um determinado público de escritores realizou uma apropriação de determinada obra que foi elaborada em um lugar e período histórico distante do seu.

A literatura russa foi inserida nos debates literários brasileiros por meio da mediação de críticos e tradutores franceses. Esse fenômeno cultural foi bem analisado na tese de doutorado em teoria e história literária de Bruno Gomide. Conforme sugere o autor, a partir de 1880, uma das consequências das aproximações diplomáticas feitas entre França e Rússia foi a inserção dos escritos, não apenas de Tolstói, mas também de Gogol, Puchkin, Turgueniev e Dostoievsky nos salões parisienses por meio de edições traduzidas, em sua grande maioria, por Eugène-Melchior Vogüé (1829-1916). A literatura russa – marcada por personagens dotadas de grande complexidade psicológica e ao reivindicar autonomia diante do poder oficial – foi uma alternativa para um panorama literário ainda influenciado pelo naturalismo de Zola, repleto de jargões deterministas, que passou a ser considerado, por toda uma nova geração de letrados, excessivamente frio e cientificista.

Nestes termos,

A recepção de Tolstói diferiu da de todos os outros romancistas [russos] (...) por ter sido a única que não foi póstuma. Quando, entre 1883 e 1886, o mercado francês viu-se avassalado por livros e livros de crítica e por incontáveis volumes de traduções de autores russos, Tolstói ainda não completara sessenta anos. Era um artista e pensador no auge da atividade, estendida ainda por duas décadas e meia. É bem sabido que Tolstói, àquela altura, estava reelaborando de forma dramática o seu pensamento e a sua *persona* de escritor. Colocava em primeiro plano as tendências não-ficcionais que o vinham inquietando desde a juventude e que seriam, a partir de crises pessoais violentas, expressas em polêmica doutrinação filosófica e ética. (...) Havia, portanto, descompasso entre as teses críticas que lhe ajudaram a pavimentar a difusão internacional, durante o *boom*, e a efetiva direção intelectual que o conde passara a trilhar. (GOMIDE, 2004, p. 202)

Em *A vida literária no Brasil – 1900*, Brito Broca atentou para o clima de cosmopolitismo que fez parte da recepção das literaturas estrangeiras entre intelectuais brasileiros de diversas regiões, que passaram a habitar o Rio de Janeiro, então capital federal, por ser a urbe que contou com o que mais se assemelhava ao que pode ser considerado um mercado editorial para os padrões da época.

De acordo com o autor,



A voga de Tolstói no Brasil conjugou-se com as atividades anarquistas e socialistas aqui verificadas nas duas primeiras décadas do século; mas da mesma maneira que entre 1930 e 1940 proliferaram entre nós os marxistas puramente “literários”, também no “1900” o anarquismo foi para muita gente apenas “literatura”. E era Tolstói o paradigma desses reformadores utópicos. O termo *moda* não parece exagerado, pois havia um cunho (...) de atualidade e de modernismo, em sonhar com um mundo melhor “sob a benção universal da anarquia”. (BROCA, 1960, p. 116-17)

De fato, a partir dos 50 anos de idade, o conde Tolstói tentou redimir-se em relação a uma juventude marcada por extravagâncias e abusos de autoridade típicas de homens pertencentes a nobreza russa. O autor de *Ana Karenina* personificou, outrora, arquétipos eslavos de masculinidade. Foi militar, latifundiário, apostador compulsivo e até mesmo não hesitou em se valer do status para seduzir camponesas de origem social modesta. Porém, sua biografia passou por uma reviravolta radical. Atingindo a maturidade, o escritor negou-se a escrever romances voltados apenas para a distração do público leitor e dedicou-se, sempre com muito afinco, ao gênero dos libelos políticos e mostrou, cada vez mais, indisposição para participar de salões literários. Basicamente, o autor postulou que um estilo de vida vegetariano, fraterno, pacifista e solidário em relação aos trabalhadores pobres e *mujiques* era a chave para uma existência bem sucedida. Inspirado pelos Evangelhos, que exaltavam a pobreza e abnegação, o literato russo chegou a reunir um certo contingente de jovens oriundos da *intelligentsia* eslava, em sua propriedade rural, dispostos a adotarem os princípios do chamado *Tolstoísmo*.¹

Na edição *What I believe* [Em que acredito], traduzida para o inglês por Constantine Popov, em 1885, Tolstói salienta que a sua intenção não foi reinterpretar o cristianismo, mas colocar em prática seu princípio mais básico: o amor pelo próximo. Expressa também a sua rejeição da doutrina teológica professada pela Igreja Católica porque a considerou dogmática. O conde também postula que algumas práticas exercidas pela Igreja tais quais perseguições políticas, intolerância, punições capitais e consentimento de guerras, além de repulsivas ao seu espírito, eram também incompatíveis com o próprio cristianismo. Desse modo, inspirado, principalmente, pelos Evangelhos de São Mateus, o *Tolstoísmo* enaltecia a valorização de atores sociais marginalizados e abominava qualquer forma de violência. Por esses e outros motivos, o pensamento de Tolstói encontrou repercussão mundial e passou a fundamentar mais ainda o debate sobre a função social da literatura entre intelectuais que tinham convicções políticas inconformistas.

¹ Para uma compreensão mais detalhada da trajetória de vida de Leon Tolstói e como sua leitura heterodoxa da *Bíblia* modificou completamente não apenas o teor de suas publicações, mas também os valores do escritor, recomendamos a leitura da obra *Tolstói: a biografia*, de Rosamund Bartlett, traduzida para o português em 2013.



O cosmopolitismo celebrado entre intelectuais atuantes na imprensa brasileira ganhou, assim, mais um referencial. O nome de Tolstói apareceu em algumas colunas da revista *Careta*: um dos ícones da modernização da então capital federal, podendo render aqui algumas reflexões. O impresso foi fundado em 1908, por Jorge Schmidt e manteve periodicidade até 1960. Uma longevidade que destoava da média, já que a maioria das revistas literárias e de variedades da época tinham uma vida efêmera. Contava com capas coloridas e chamativas, ilustradas por J. Carlos (1884-1950): talentoso chargista. Em termos de conteúdo, era eclética, contando sempre com a publicação de crônicas, poesias, contos nacionais ou estrangeiros, polêmicas literárias, indicações de leituras, resenhas, fotografias da vida urbana. Tratava-se de uma estratégia editorial comum para a época, pois as revistas, para se manterem, tinham de tentar cativar o maior número possível de leitores.

Entre seus colaboradores, contou com intelectuais de distintos perfis, desde beletristas, como Olavo Bilac (1865-1918), até vanguardistas do porte de Lima Barreto (1881-1922). O poeta parnasiano, de origem luso-brasileira, Filinto de Almeida (1857-1945), que assinou uma série de breves textos na revista *Careta* com o pseudônimo de Fly², fez o seguinte relato, na edição de 25 de setembro de 1909:

O grande Tolstói chorou pelo seu secretário preso e exilado. E porquê? Expedia as obras, as cartas do mestre! E Tolstói protestou contra essa iniquidade pois a polícia russa deveria ter punido o autor e não o servidor, que executava ordens. Uma alta cobardia. (FLY, 1909, p. 33)

O sucesso dos literatos e pensadores russos, oriundos de uma região da Europa considerada supostamente atrasada e bárbara – principalmente entre parisienses e italianos – foi notável nos países que vivenciavam o advento da modernidade com todas suas contradições e traumas. De forma semelhante aos dilemas enfrentados pelos autores russos, tendo de pensar na utilidade da arte em uma época na qual a imensa maioria das populações do leste europeu enfrentava os espectros da miséria, analfabetismo e da repressão política, os escritores brasileiros também tiveram de refletir sobre contradições parecidas.

² As associações entre nome e pseudônimos feitas aqui, cujos usos eram bastante comuns na vida literária da época, estão baseadas em esclarecimentos que estão diluídos ao longo da bibliografia lida para embasar esse artigo, como é o caso do estudo de Brito Broca. No entanto, a relação feita entre o epíteto de Fly e Filinto de Almeida consta em relatório parcial do filólogo e escritor Claudio Cezar Henriques (UERJ) para a elaboração do *Dicionário de apelidos dos escritores brasileiros*, publicado em 2012.



Apesar dessas considerações, o autor de *Guerra e paz* não foi um consenso entre os jornalistas que colaboraram com a revista *Careta*. A edição de 19 de novembro de 1910, impressa na véspera da morte do escritor russo, possui uma nota anônima na qual um misterioso colunista não só lamenta as tristes notícias sobre o estado de saúde do literato, mas também faz um apressado juízo de valor detratando o Tolstói proselitista e exaltando o ficcionista:

Talvez a essas horas esteja morto o famoso e ilustre russo Leão Tolstói. Os últimos telegramas que, sobre o estado dele, chegaram a esta capital até o momento em que escrevemos estas linhas, davam-no como trêmulo e delirante na estação de Astorvo, perto de Corne. O seu delírio não deve causar surpresas: explica-o diafanamente a sua emocionante e divertida fuga; fuga que é, por sua vez, por quem acompanhou a estranha evolução de Tolstói e depois de ter saudado a um grande e poderoso artista lamentou os seus deploráveis surtos messiânicos. (CARETA, 1910, p. 14)

Tendo sido escrito por um autor de orientação católica ortodoxa ou um cético, partidário das últimas modas científicas, o citado juízo de valor que acompanha o final da notícia é bastante obtuso. Possivelmente, um dos ensaios mais lúcidos sobre a vida e obra de Tolstói feitos na Primeira República foi assinado pelo crítico paraense José Veríssimo (1857-1916). Na obra *Homens e cousas estrangeiras*, de 1902, o autor afirma que o ideário estético do russo – alicerçado na ideia de que a literatura deva servir como ferramenta que favoreça a comunhão universal da humanidade – pode ser uma alternativa bem mais arrojada, principalmente, do que o determinismo científico e naturalismo. Para Veríssimo, essas correntes fundamentaram uma “pseudociência” com “a fórmula sandia da anormalidade, da degenerescência, do caso patológico”, cujos adeptos brasileiros desqualificou, inclusive, moralmente (Veríssimo, 1902, p. 222). Desse modo, continua sua análise sobre a guinada mística do autor de *Guerra e paz*:

A doutrina de Tolstói pode ser definida um anarquismo evangélico, penetrado de um largo misticismo humanitário e de um ascetismo generoso e altruísta. Ao contrário do ascetismo clássico, budista ou cristão, derivado do horror dos homens, o ascetismo de Tolstói inspira-se justamente no amor do homem e tem nele a sua fonte.

Em livros sucessivos, (...) expôs Tolstói a sua doutrina toda de amor da humanidade e do bem. Contra os abusos que o cercam na sociedade em que vive levantou muitas vezes a sua voz a favor dos fracos, dos perseguidos, dos miseráveis. (...) Mas a sua obra de apostolado não matou nele as qualidades eminentes de artista, antes as aumentou e engradeceu, dando à sua inspiração, como aos grandes poetas da humanidade, um alto e generoso ideal. (Idem, p. 230)



A independência intelectual de Veríssimo é, sem dúvidas, espantosa. Durante os prelúdios da chamada *Belle Époque* tropical sabe-se que além de militares, professores, juristas, médicos, políticos, diplomatas, engenheiros, houveram escritores, que também exerciam profissões liberais, partidários das iniciativas administrativas – entre 1902 e 1906 – que tinham o intuito de higienizar urbanamente e moralmente a cidade do Rio de Janeiro. A época da “regeneração carioca”, marcada não só pela onda de demolições dos antigos casarões de aspecto colonial para a construção de bulevares e edifícios em estilo *Art Nouveau*, na capital da república, endossou também uma série de medidas que visavam docilizar os corpos e hábitos dos populares nos âmbitos público e privado com base nas teses eugênicas (Cf. GUIMARÃES, 2012). Desse modo, a menção de Tolstói feita pelo crítico paraense enquanto protagonista de uma literatura modernista e engajada, sem estar contaminada pelas sentenças do evolucionismo social, é bastante atual.

Preocupado em refletir sobre a tendência da fusão entre jornalismo e literatura nos primeiros decênios do século XX, João do Rio (1881-1921) organizou e publicou uma série de entrevistas com escritores de diferentes vertentes estéticas em 1908. Em *O momento literário*, parnasianos, simbolistas, naturalistas, decadentistas, místicos, anarquistas, liberais e socialistas são convocados pelo cronista para prestarem contas sobre o trabalho na redação dos jornais e as leituras que mais contribuíram para sua formação. Entre o rol dos entrevistados está o sergipano Curvelo de Mendonça (1870-1914), advogado e autor do pouco conhecido romance *Regeneração* (1904) – no qual fez importantes considerações acerca da importância do Tolstoísmo para a construção de uma literatura nacional comprometida em perscrutar as contradições sociais verificadas, principalmente, no meio rural brasileiro.

Conforme pode-se perceber, a entrevista cedida para João do Rio serviu também para Mendonça se defender de algumas críticas feitas por Veríssimo ao teor de *Regeneração*:

O Sr. José Veríssimo disse uma vez que o cristianismo puro, o cristianismo sem padres nem dogmas, o cristianismo sublime a maneira de Tolstói, não tem cabimento em nosso meio, é uma coisa que “ofende ao sentimento do real”. Não é ele só que assim pensa, bem o sei eu. Alguns outros, não em grande número, subscreverão o seu juízo; mas eu acredito que estão redondamente enganados. O seu talento e a sua observação estão voltados para coisas diversas. Não reparam bem os fatos e as correntes que trabalham a nossa civilização.

A doutrina de Tolstói não é privilégio dele nem da Rússia. Se no Brasil, assim como na França e em todo mundo civilizado, toda gente lê e aprecia Tolstói é porque ele soube traduzir em boa linguagem moderna a ansiedade universal dos povos. As mesmas forças sociais atuam em toda parte. Renova-se o mundo inteiro em busca da solidariedade e do amor puro nas relações humanas.

O Brasil vai sendo há muito tempo abalado por tais idéias [*sic!*]. (MENDONÇA.



In: RIO, 1994, p. 50)

Conforme esclarece o crítico Antonio Arnoni Prado, em artigo sobre narrativas anarquistas e utopia no Brasil do começo do século XX, Veríssimo acusou Curvelo de ter carregado nas tintas ao escrever um romance inspirado pelo Tolstoísmo, tendo como protagonista uma personagem inspirada pelo autor russo. Na leitura de Veríssimo, o autor de *Regeneração* deixou a desejar na medida em que não conseguiu elaborar uma representação convincente das relações senhoriais fundamentadas na antiga estrutura latifundiária do país ou de que a doutrina de Tolstói e suas implicações libertárias – vida em comuna, ausência do Estado e do clero – era a solução mais viável para as mazelas sociais que motivaram vários motins populares desde a proclamação da República. Caso tivesse buscado referências na efígie messiânica de Antônio Conselheiro, para fundamentar seus ideais, talvez o escritor sergipano tivesse obtido mais reconhecimento na época de lançamento de seu livro.

Na verdade, essa comparação já havia sido feita na obra *Ideólogo* (1903), do médico, escritor e anarquista Fábio Luz (1864-1938). A narrativa gira em torno da trajetória de Anselmo, que, oriundo de uma abastada família de proprietários de terras, converte-se em um solitário ativista que passa a pregar princípios cristãos, mas também a organização de comunas regidas pela igualdade e fraternidade entre os marginalizados da periferia do Rio de Janeiro e agricultores pobres do interior de Minas Gerais. Em conversa com o comendador Noronha sobre o massacre de Canudos, Anselmo destaca as diferenças entre o literato russo e o beato sertanejo:

Tolstói campônio, Conselheiro orientador de massas; Tolstói, um místico pregador da pureza do Evangelho; Conselheiro, o evangelizador de uma religião nova; Tolstói, o apóstolo da comuna de iguais; Conselheiro, o apóstolo de uma comuna sem governo que deu vida aos deserdados; Tolstói, o intelectual e guia iluminado; Conselheiro, o condutor semiletrado em defesa da gente pobre dos sertões. (PRADO, 2000, p. 94-95)

O exercício comparativo de Arnoni Prado tanto sugere que *Ideólogo* (1903), de Fábio Luz e *Regeneração* (1904), de Curvelo de Mendonça, são narrativas estreitamente entrelaçadas, bem como postula que Curvelo conseguiu avançar na composição literária de uma utopia em torno da sociedade brasileira ao descrever, de forma mais detalhada, o cotidiano em Nova Jerusalém: uma comuna formada por camponeses pobres de Pernambuco, Sergipe, Bahia e Alagoas, administrada por Antônio e seus dois romeiros, chamados José Doutor e Ricardo Moreira e financiada por setores



ilustrados das elites locais. Ainda de acordo com o crítico literário, “mais encorpada que a de Anselmo, a fisionomia do herói tolstoiano de Curvelo de Mendonça” (Idem, p. 99) consegue reger a transformação de uma usina abandonada em uma opulenta cidade que conta com as benesses dos avanços tecnológicos da modernidade, porém foi organizada por códigos comunitários e religiosos que remetem ao Brasil colonial sem os dispositivos de marginalização de negros e imigrantes.

Porém, por mais que tenham se apropriado do Tolstoísmo em suas narrativas, prevalece ainda certa sobrevida do determinismo racial e geográfico na ficção de Fábio Luz e Curvelo de Mendonça. A redenção das camadas sociais incultas e maltrapilhas que grassavam o país, só é possibilitada, em seus respectivos romances, pelas iniciativas de guias inconformistas, mas religiosos, oriundos de oligarquias e pelo contato e adesão dos trabalhadores e camponeses das últimas novidades da cultura erudita europeia. Nestes termos, apesar de críticas sociais pertinentes, o anarquismo de cunho místico tal qual nos apresenta as prosas de *Ideólogo* e *Regeneração* acabou imbricado, no Brasil, com as teorias raciológicas.

Em *Literatura como missão*, Nicolau Sevcenko analisou como os intelectuais se valeram do jornalismo e sociedades literárias para tentar colocar em prática também seu projeto civilizatório de sociedade brasileira. A principal estratégia era combater impiedosamente o espectro do analfabetismo, que assombrava 80% da população do país. Afinal, quais as funções do escritor em uma nação com índices tão pífios de leitores? Ao constatarem que a Primeira República não levou a sério suas ambições e protagonizou uma versão sanguinária e arrivista do liberalismo, restou, para toda uma geração de eruditos, o encastelamento na Academia Brasileira de Letras ou um visceral desencanto com a política oficial – e as próprias letras – que encontraram seus maiores expoentes em Lima Barreto (1881-1922) e Euclides da Cunha (1866-1909). (Cf. SEVCENKO, 2003)

O interesse de Lima Barreto pela política internacional foi constante. Curiosamente, na produção jornalística do escritor carioca, reunida em *Bagatelas*, *Vida urbana*, *Marginália*, *Cousas do reino de Jambom* e mesmo no primeiro tomo da recente edição de *Toda crônica*, existe um vácuo entre o período que vai de 1903 até 1911. Período no qual eclodiram diversos motins populares na Rússia contra o Czarismo. Mesmo no epistolário do autor, organizado dentro de uma lógica linear, não existem referências a esse clima de convulsão social no Leste europeu bastante divulgado nos impressos da época. Isso não significa que Lima desconhecia esses fatos. Apenas em uma carta enviada para o leal amigo Antônio Noronha Santos, em 1908, o encanto sentido por Afonso Henriques ao ler uma renomada obra tolstoiana destoa desse panorama histórico repleto de violência: “o dia está magnífico, muito puro, suave e um pouco frio. Li agora mesmo o *Ana*



Karênina [sic] de Tolstói, uma adaptação ao teatro, por um tal Giraud. Senti que tinhas razão em gabar o livro” (BARRETO, *CI*, 1956, p. 84).³

Entretanto, ainda é bastante desafiador deduzir quais motivos estão por trás do silêncio do escritor em torno das revoltas populares russas. O literato pode ter tido receio de expor publicamente suas opiniões sobre a repressão militar desencadeada contra os levantes em São Petersburgo. Nesse período, fazia pouco tempo e a duras custas que Lima Barreto conseguiu ser nomeado para o cargo de amanuense, na Secretaria de Guerra, já arcando com a enorme responsabilidade de sustentar oito pessoas entre parentes e agregados.

Entretanto, os silêncios de Lima Barreto sobre a política na Rússia, entre 1903 e 1911, ainda contrastam bastante com a enxurrada de reportagens que apareceram na imprensa carioca, ora exaltando as ideias de Tolstói ou as denegrindo. Em publicações francesas como a *Revue des deux mondes*, um dos periódicos favoritos de Afonso Henriques⁴, o autor de *Guerra e paz* estava em toda parte. Esse e outros impressos frâncicos deleitavam-se em imprimir imagens desse escritor eslavo em trajes de camponês, descalço e arando lavouras em Iásnaia Poliana. Publicações modernistas e ligadas ao movimento operário traziam artigos polêmicos sobre e de Tolstói.

Pode-se deduzir que Lima Barreto e Tolstói vivenciaram o advento da modernização dos seus países enquanto um drama repleto de violência e opressão. Apesar de Tolstói ter sido um aristocrata europeu em busca de redenção; acusado pela esposa e filhos de negligência familiar e Lima Barreto um intelectual latino-americano, negro, de origem social modesta e ter buscado no álcool um refúgio para sua conturbada vida doméstica, esses dois modernistas reivindicaram uma concepção de arte que pudesse ser compreensível e útil, principalmente, para os seguimentos sociais marginalizados.

A consequência mais nefasta da falta de compromisso do homem de letras, diante das injustiças sociais, vislumbrada por esses dois literatos era o aumento do abismo existente entre artistas e povo. O gosto pela arte enquanto forma de prazer, cultivado até se tornar uma forma afetada de distinção, culminava em uma erudição oportunista, isoladora e inútil.

A convicção de Tolstói de que “o efeito da verdadeira obra de arte é abolir, na consciência do receptor, a distinção entre ele mesmo e o artista”, proporcionando aos indivíduos uma “libertação de

³ Como o conjunto de obras completas de Lima Barreto foi publicado pela Editora Brasiliense, em 1956, usaremos algumas abreviaturas para especificar melhor o título da obra que estamos nos referindo.

⁴ Além de ter encadernado uma série de artigos da *Revue des deux mondes* e colocado essa brochura em cima de sua mesa de trabalho, possivelmente para ter o volume sempre ao alcance das mãos para consultas, Lima Barreto foi encontrado morto em seu quarto, pela irmã Evangelina, após um ataque cardíaco, ainda com um exemplar dessa revista entre as mãos.



seu isolamento e de sua solidão” para promover “um contágio” entre “o autor e com aqueles que percebem a obra” (TOLSTÓI, 2002, p. 202) encontrou, portanto, entre escritores brasileiros de diferentes origens sociais e tendências políticas, fortes ressonâncias.

REFERÊNCIAS:

BARTLETT, Rosamund. *Tolstói: a biografia*. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

BARRETO, Lima. Carta para Antônio Noronha Santos (10/06/1908). In: *Correspondência*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956.

CARETA, Rio de Janeiro, ano III, nº 129, 1910.

FLY (Filinto de Almeida). O grande Tolstói. In: *Careta*, Rio de Janeiro, ano II, nº 69, 1909.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Paradoxos da *Belle Époque* tropical. In: PINHEIRO, Luís da Cunha & RODRIGUES, Maria Manuel Marques (Orgs.). *A Belle Époque* brasileira. Lisboa: LusoSofia: 2012.

GOMIDE, Bruno Barretto. *Da Estepe à Caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. 2004. 701 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PRADO, Antonio Arnoni. Três imagens da utopia. In: *Literatura e sociedade*, vol. 1, nº 5, pp. 86-107, São Paulo, 2000.

RIO, João do (Org.). *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Dep. Nacional do Livro, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TOLSTOI, Léon. *O que é arte?*. Tradução de Bete Torii. São Paulo: Ediouro, 2002.

TOLSTÓI, Leon. *What I believe*. Translated by Constantine Popov. London: Elliot Stock, 1885.

VERÍSSIMO, José. *Homens e cousas estrangeiras*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.